

INVESTIGAÇÃO NARRATIVA: ENTRE DETALHES E DURAÇÃO¹

L'ENQUETE NARRATIVE, ENTRE DUREE ET DETAILS

THE NARRATIVE INQUIRY BETWEEN DETAIL AND LENGTH

HERVÉ BRETON
UNIVERSITÉ DE TOURS, FRANCE
HERVE.BRETON@UNIV-TOURS.FR
HTTP://ORCID.ORG/0000-0003-3536-566X

RESUMO: A investigação narrativa tem por especificidade buscar compreender o vi-vido mobilizando as narrativas da experiência “em primeira pessoa”. Os princípios que fundamentam sua pertinência são os seguintes: apreensão e compreensão dos processos de edificação dos “pontos de vista” que emergem das situações experimentadas pelas pessoas implicadas na investigação, supondo acompanhar duas passagens: da experiência à linguagem – ou a expressão pelas palavras do vivido – e a configuração das palavras em textos – ou a narração. A afirmação da necessidade de um acompanhamento desses processos provém do seguinte postulado: o início da pesquisa supõe conduzir a si mesmo em direção a um trabalho de apreensão do vivido segundo diferentes escalas temporais a partir das quais pode se chegar à narração da experiência. Assim, buscando a expressão do vivido “em primeira pessoa”, o investigador (que pode ser um pesquisador, um formador, um conselheiro de orientação profissional) não solicita ao outro a informação sobre o que foi vivido. Ele mobiliza os procedimentos de orientação, cujo o efeito é o de favorecer “a entrada na investigação” dos sujeitos com os quais ele pesquisa e trabalha, o que leva a considerar que a investigação narrativa é uma forma de pesquisa “necessariamente em primeira pessoa”, pois somente a pessoa que vive a experiência de um fenômeno encontra-se capaz de dizer, a partir do seu ponto de vista e com as suas próprias palavras, sobre o que ela viveu, os efeitos que ela experienciou e os impactos experienciais e biográficos sofridos.

PALAVRAS-CHAVE: Life stories. Micro-fenomenologia. Narrativa. Pesquisa narrativa.

RESUME: L'enquête narrative a pour spécificité de chercher à comprendre le vécu en mobilisant des récits d'expérience « en première personne ». Les principes qui fondent sa pertinence sont les suivants : l'appréhension et la compréhension des processus d'édification des « points de vue » à partir desquels se pensent les situations éprouvées par les personnes impliquées dans l'enquête supposent d'accompagner deux passages : celui de l'expérience au langage – soit la mise en mots du vécu – puis celui de la configuration des mots en textes, soit la mise en récits. La nécessité affirmée d'un accompagnement de ces processus provient du postulat suivant : l'entrée dans l'enquête suppose de conduire soi-même un travail de saisie du vécu selon différentes échelles temporelles à partir desquelles peut s'accomplir la narration de l'expérience. Ainsi, en visant l'expression du vécu « en première personne », « l'enquêteur » (qui peut être un chercheur, un formateur, un conseiller en orientation professionnelle) ne prélève pas de l'information sur le vécu d'autrui. Il mobilise des procédés de guidance dont l'effet est de favoriser « l'entrée dans l'enquête » des sujets avec lesquels il cherche et travaille. Cela conduit à considérer que l'enquête narrative est une forme d'enquête « nécessairement en première personne » puisque seule la personne ayant fait l'expérience d'un phénomène se trouve en capacité de dire, de son point de vue, et avec ses mots, ce qu'elle a vécu, les effets qu'elle a éprouvés, les retentissements expérimentiels et biographiques qui en ont résulté.

MOTS-CLES: Micro-phénoménologie. Narration. Recherche narrative. Récits de vie

ABSTRACT: The narrative inquiry has the specificity of seeking to understand the lived by mobilizing the narratives of the experience “in the first person”. The principles that support its relevance are the following: apprehension and understanding of the “point of view” building processes that emerge from the situations experienced by the people involved in the inquiry, supposing to accompany two phases: from experience to language - or the expression by the words of the lived - and the configuration of words in texts - or narration. The affirmation of the need to monitor these processes comes from the following postulate: the beginning of the research supposes to lead oneself towards a work of apprehension of the lived according to different time scales from which the narration of the experience can be reached. Thus, looking for the expression of the lived “in the first person”, the researcher (who can be a researcher, a trainer, a professional guidance counselor) does not ask the other for information about what was experienced. He mobilizes the guidance procedures, the effect of which is to favor “the entry into the inquiry” of the subjects with whom he researches and works, which leads him to

¹ Este artigo teve uma versão original publicada em francês na **Revista Education Permanente**, n.º 222, março de 2020.

consider that narrative inquiry is a form of research “necessarily in the first person”, because only the person who experiences a phenomenon is able to say, from his point of view and in his own words, about what he lived, the effects he experienced and the experiential and biographical impacts suffered.

KEYWORDS: Life stories. Micro-phenomenology. Narrative. Narrative research.

INTRODUÇÃO

A investigação narrativa tem por especificidade buscar compreender o vivido mobilizando as narrativas da experiência “em primeira pessoa”. Os princípios que fundamentam sua pertinência são os seguintes: apreensão e compreensão dos processos de edificação dos “pontos de vista” que emergem das situações experimentadas pelas pessoas implicadas na investigação, supondo acompanhar duas passagens: da experiência à linguagem – ou a expressão pelas palavras do vivido – e a configuração das palavras em textos – ou a narração. A afirmação da necessidade de um acompanhamento desses processos provém do seguinte postulado: o início da pesquisa supõe conduzir a si mesmo em direção a um trabalho de apreensão do vivido segundo diferentes escalas temporais a partir das quais pode se chegar à narração da experiência. Assim, buscando a expressão do vivido “em primeira pessoa”, o investigador (que pode ser um pesquisador, um formador, um conselheiro de orientação profissional) não solicita ao outro a informação sobre o que foi vivido. Ele mobiliza os procedimentos de orientação, cujo o efeito é o de favorecer “a entrada na investigação” dos sujeitos com os quais ele pesquisa e trabalha, o que leva a considerar que a investigação narrativa é uma forma de pesquisa “necessariamente em primeira pessoa”, pois somente a pessoa que vive a experiência de um fenômeno encontra-se capaz de dizer, a partir do seu ponto de vista e com as suas próprias palavras, sobre o que ela viveu, os efeitos que ela experienciou e os impactos experienciais e biográficos sofridos.

Dito isso, torna-se necessário definir, com precisão, a expressão “narração em primeira pessoa”. Assim, quando Depraz define a linguagem da primeira pessoa como “a atitude da pessoa que fala ou escreve, seu modo, sua forma, de tal forma que a linguagem esteja o mais próximo possível do contato com a experiência vivida” (2011, p. 59), a autora distingue as posturas da expressão “falar da primeira pessoa” daquela “em primeira pessoa”: se “falar da primeira pessoa é dizer eu (ou mesmo nós), de toda forma, é falar em seu próprio nome, ou seja, reivindicar o que se diz como sendo seu e aderir àquilo que se diz” (DEPRAZ, 2011, p. 60). Falar em primeira pessoa “é adotar, segundo a expressão de Pierre Vermesch, uma fala encarnada”, ou seja, é entrar em um regime de expressão que manifesta a realidade concreta de um contato com o que se vive no momento no qual ele é formulado” (DEPRAZ, 2011, p. 62).

A atividade narrativa pela qual se passa essa forma de pesquisa é objeto de uma análise particular ao longo desse artigo. Na verdade, seja iniciado pelo sujeito em si, como é o caso na narração autobiográfica (LEJEUNE, 1996), seja acompanhada por alguém no contexto das entrevistas biográficas (BERTAUX, 2005), a entrada e a condução da investigação supõe efetuar ações que tornam possível a sua realização. Entre tais ações, duas serão objeto de uma análise ao longo do presente artigo, o qual se interessa aos processos de reciprocidade entre os atos de temporalização da experiência e os atos que realizam a configuração da narrativa. Partindo da tese que afirma a reciprocidade entre “temporalização do vivido” e “configuração da narrativa”, desenvolvida por Paul Ricœur (1983, 1984, 1985), distinguimos dois “regimes narrativos” – o regime biográfico, que permite apreender a experiência vivida segundo sua duração (dimensão longitudinal da trajetória de vida) e o regime micro-fenomenológico, que explora e descreve

sequências curtas do vivido. Sendo assim, os modos de apreensão dos fenômenos e os efeitos de compreensão gerados variam.

O desafio deste artigo é de caracterizar esses regimes narrativos, de formalizar os procedimentos e de especificar os tipos de efeitos gerados sobre os processos de formação de si, de formalização dos saberes experienciais e de constituição de conhecimentos a partir da narração da experiência. Para tanto, um trabalho de definição foi produzido e, em seguida, três narrativas são propostas para caracterizar os “dados” a partir dos quais esses regimes narrativos podem ser formalizados. Entre exploração do vivido ao longo do tempo e a análise da experiência em seus detalhes, os efeitos e as contribuições da investigação narrativa são, assim, interrogados, a partir dos paradigmas hermenêuticos e experiencial que a fundamentam e os métodos que lhe dão forma concreta.

A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA: QUAIS PARADIGMAS?

As premissas da investigação começam assim que um sujeito aspirante, um adulto em formação, um profissional em situação de trabalho “volta-se para” sua experiência para acolhê-la e exprimi-la. Esse ato – que conjuga dois gestos: acolhimento do vivido e expressão através das palavras – caracteriza a primeira fase da investigação narrativa, sendo a segunda a narração. Seja ela conduzida em primeira pessoa ou em segunda pessoa, como é o caso do que Penef (1990) nomeia de “método biográfico”, que se inscreve na linha dos trabalhos oriundos da sociologia qualitativa (GUTH, 2014 ; DUBAR et NICOURT, 2017), a investigação narrativa procede de um mesmo movimento: o narrador volta-se para a sua experiência vivida, acolhe o que se passa no curso da evocação e procura as palavras para expressar, seja descrevendo de maneira detalhada e narrando ao longo do tempo. Esta dinâmica durante a qual o sujeito torna-se atento à sua experiência para exprimi-la, descrevê-la, narrá-la, expressá-la, de forma oral ou escrita, assinala a entrada na investigação que é, segundo certos aspectos, uma busca do tipo hermenêutica. Debruçar-se sobre o seu vivido é, potencialmente, colocar em dia as dimensões da experiência que, quando vividas no momento presente, não foram nem refletidas e nem tematizadas. De fato, os modos de doação do vivido (MARION, 1997) caracterizam-se, do ponto de vista do sujeito, por percepções de imediatismos e de evidências, corroborando como a proposição de Zahavi (2015) : os dados experienciais são presentificados e constituídos por lembranças provenientes de um processo de sedimentação e síntese (HUSSERL, 1918-1926/1998). Assim, o sujeito vive os efeitos resultantes dos conteúdos da experiência vivida no presente e “retém” esses efeitos sob a forma de lembranças. Nos dois casos, a experiência é vivida antes de ser refletida, dita e “narrada”. Trata-se do sentido do caráter “passivo” da síntese e da memória husserliana: a experiência é vivida, integrada e retida sem que esses processos dependam de um trabalho intencional e voluntário.

Essa dimensão pré-réflétida do vivido (PETITMENGIN, 2010) supõe, assim, que se efetuem ações para que a investigação narrativa possa se realizar. Um entre eles foi anteriormente definido e diz respeito à conversão do olhar do sujeito que, tornando-se disponível à lembrança, abre-se à possibilidade de acessar sua experiência para acolhê-la (BRETON, 2016). Dois outros merecem uma análise mais aprofundada a fim de apreender suas características próprias, sua reciprocidade dinâmica e sua contribuição para a investigação narrativa: a temporalização e a narração do vivido. Essa perspectiva ancora a investigação narrativa em duas tradições hermenêuticas da experiência de Dilthey e Ricœur. Para Dilthey (1910/1988), a experiência comporta uma dimensão pré-lingüística pelo fato de que ela tem por vocação ser expressada.

Essa perspectiva é seguida por Ricœur quando ele afirma: “A experiência pode ser dita, ela demanda ser dita. Levá-la à linguagem não é transformá-la em outra coisa, mas articulando-a e desenvolvendo-a, permite-se que ela torne-se ela mesma” (RICŒUR, 1985, p. 62). E sempre, segundo Ricœur, a passagem da experiência à linguagem é dependente do trabalho de temporalização da experiência: para ser contada, a experiência deve poder ser pensada no tempo.

OS REGIMES NARRATIVOS: UMA TENTATIVA DE CARACTERIZAÇÃO

Após ter definido, ao longo da seção precedente, a “investigação narrativa”, torna-se possível, nesse momento, definir seus objetos. Diferentes procedimentos são mobilizados para a narração da experiência. A seleção dos procedimentos é dependente dos desafios da pesquisa e dos objetos de conhecimento antecipados. O trabalho difere, na verdade, de acordo com o que a investigação busca analisar, os modos de doação da experiência ao longo de um momento singular (VERMERSCH, 2000), ou os impactos desse momento na história do sujeito (PINEAU, 1991). A análise dos modos de doação supõe apreendê-la em um momento de duração curta para realizar uma descrição detalhada de suas diferentes dimensões (agentividade, percepções, impressões, inferências...). Por outro lado, a análise dos efeitos vividos ao longo de um ou de vários eventos inscritos na trajetória de vida e seus impactos na história do sujeito supõe questionar o vivido a partir da narração biográfica. Assim, entre apreender o vivido nos seus detalhes e a apreensão das dinâmicas de repercussão na duração, a investigação narrativa compõe com os regimes da descrição fenomenológica e da narração biográfica (BAUDOUIN, 2010).

A fim de ilustrar e de concretizar esses diferentes pontos, propõe-se nas páginas seguintes um estudo curto, cujo o objeto ilustra essas proposições. Três narrativas em primeira pessoa foram propostas. Para cada uma, cujo o “fundo existencial” é comum (um período de vida marcado por uma viagem de longa duração), a experiência é apreendida com vistas à um trabalho de expressão e, em seguida, de narração. Assim, o que diferencia essas narrativas não é o conteúdo da experiência, mas a duração do vivido a partir do qual constrói-se a expressão e a narração. É pela variação das escalas temporais das experiências vividas que serão caracterizados os regimes narrativos anteriormente citados.

A NARRAÇÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA AO LONGO DA INVESTIGAÇÃO: ESTUDO DE CASO

Durante essa curta investigação narrativa, três narrativas serão apresentadas de maneira sucessiva. A primeira diz respeito a um momento vivido de uma duração de uma hora durante a primeira das minhas viagens à Índia (realizada em 1994). A segunda refere-se à mesma viagem à Índia, mas apreende os três primeiros meses dessa viagem. A terceira abarca o período de vida durante o qual essa viagem de uma duração de seis meses vem a ser então concluída e refletida. Em outros termos, serão apresentados sucessivamente: a narrativa de um momento de viagem (1), a narrativa de um período da viagem durante o qual esse momento aconteceu (2), a narrativa do período de vida durante o qual essa viagem foi vivida (3).

A abordagem de investigação procede, então, pela “extensão gradual da experiência de referência”, a partir da qual a expressão em palavras é conduzida e a narrativa de si é construída. Essas três narrativas serão, em seguida, objeto de um trabalho de análise comparada a fim de caracterizar os efeitos gerados sobre os processos de compreensão e de constituição de conhecimentos da variação dos procedimentos narrativos que resultam da extensão gradual

das experiências de referência. E uma última precisão (importante): o tempo necessário para a redação de cada um desses três textos foi idêntico, assim como o formato dedicado à expressão (que para esse estudo foi calculado em caracteres).

Exemplo 1: descrição em primeira pessoa de um curto momento vivido durante uma viagem à Índia

Minha primeira viagem à Índia aconteceu entre dezembro de 1993 e Maio de 1994. Quando cheguei ao aeroporto de Nova Deli, fui atingido por uma estranha luz. Uma claridade um pouco amarelada das lâmpadas que, combinada com o mobiliário, me pareceu ultrapassado, criando uma atmosfera que não me era familiar. O calor úmido que reinou reforçou essa sensação de mudança repentina, até mesmo uma ruptura com o mundo que eu havia deixado para trás na França quando entrei no avião. Depois de buscar a minha bagagem, dirigi-me para a saída. Quando me aproximei da linha que sinalizava a entrada no aeroporto, do lado do visitante, vi uma multidão compacta na minha frente. Senti uma forte apreensão que quase me atordoou. Parecia que uma centena de olhos estava focada em mim. Eu podia ouvir o barulho da multidão, da rua, das obras. A luz estava agora quase me cegando. O meu batimento cardíaco parecia ter acelerado enquanto o ritmo dos meus passos tinha abrandado completamente. Atravessar a linha que separava a “zona de trânsito” da zona de “recepção dos viajantes” marcou a minha entrada na Índia. Eu sabia que não podia voltar atrás. Eu teria então que seguir em frente, deixar o aeroporto e ir mais fundo na cidade. Após alguns segundos de hesitação, compreendi que tinha de continuar. Então, recomecei a andar, e mergulhei na multidão.

Esse primeiro texto expressa em palavras uma experiência que aconteceu 24 anos antes da sua narração escrita. Essa “experiência de referência” (ou seja, a experiência vivida a partir da qual a expressão em palavras constrói-se) durou cerca de 60 minutos. O tempo dedicado à escrita do vivido foi de aproximadamente dez minutos. Se ele tivesse sido lido, sua leitura não tomaria mais que dois minutos. O texto tem 1.426 caracteres com espaços. Última informação, a descrição desse momento conjugou três tipos de atos: a temporalização das sequências do desenrolar da experiência (descrição granular), a identificação dos aspectos (ambiente, luz, barulhos, ...) e ajuste do nível de detalhe na expressão em palavras de cada um desses aspectos.

Exemplo 2: narração em primeira pessoa da primeira parte de uma viagem à Índia que durou seis meses

A minha primeira viagem à Índia ocorreu entre Dezembro de 1993 e Maio de 1994. Comecei ficando alguns dias em Nova Deli, na pousada Ringo, que hoje em dia está fechada. Este lugar serviu de refúgio durante a primeira semana. Eu estava de fato muito desorientado com as incessantes solicitações, tentativas de golpes de todo o tipo. Demorei vários dias para poder caminhar pela rua, para me orientar, para entender o que podia comer, limitando o risco de intoxicação alimentar. Depois fiz uma passagem por Rajasthan, depois desci para Bombaim. As primeiras semanas foram muito difíceis. Eu vivi a experiência do adoecimento, do isolamento. As minhas viagens alternavam entre ônibus e trem, sem muito conforto. Aprendi a estar vigilante, a ficar atento para vigiar minha bagagem, escolher a comida e me manter em forma. A chegada ao sul da Índia, seguida de uma estadia de três semanas no Sri Lanka, antes de regressar a Madras, Tamil Nadu, foi mais tranquila. Lembro-me de me sentir quase fisicamente relaxado numa manhã ensolarada em Mahabalipuram. Eu estava começando a entender a Índia, e senti como se tivesse aprendido a viajar e viver lá. Depois de três meses, regresssei ao Norte, chegando a Varanasi. O segundo período desta viagem de seis meses então começou.

A experiência de referência dessa segunda narrativa dura cerca de 90 dias. Assim como o primeiro texto, o tempo necessário à narração escrita foi de dez minutos aproximadamente. Ela possui 1.394 caracteres com espaços. No que diz respeito à experiência de escrita, a experiência vivida associada à expressão narrativa é radicalmente diferente da primeira narrativa. Na verdade, o esforço produzido por essa segunda narrativa procede de um trabalho de “compreensão temporal” para chegar a uma construção narrativa de um período de viagem de duração

de três meses que foi vivida de maneira intensa. A prova foi a seguinte: colocar em palavras 90 dias de experiência vivida em menos de 1.500 caracteres.

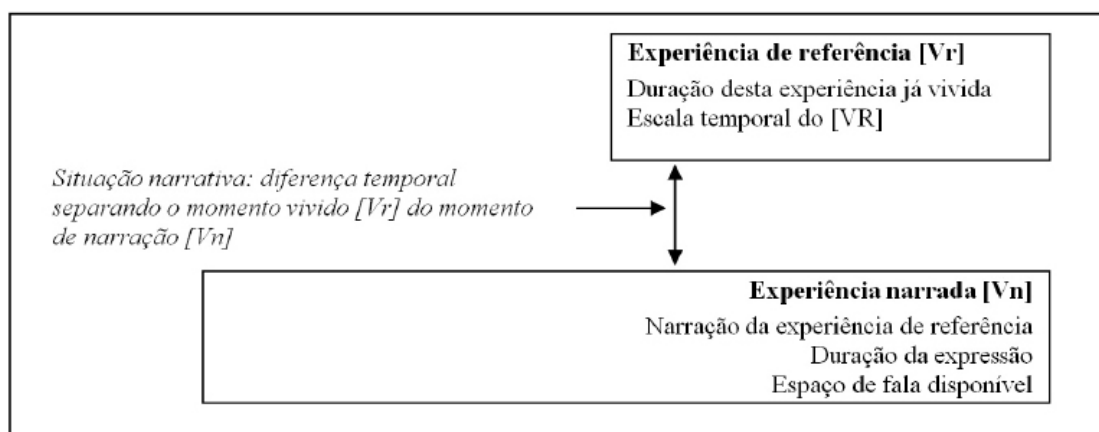
Exemplo 3: narração biográfica de um período de vida marcado por viagens

Durante o último ano do diploma que eu estava preparando na época, em 1993, tive a oportunidade de viver seis meses na Ilha da Reunião, para realizar o meu estágio de graduação. Foi a minha primeira longa experiência de viver longe da metrópole. Fui então recebido por uma família mauriciana, que me apresentou à arte do chá indiano. Foi então que surgiu o projeto de uma longa viagem à Ásia. Depois de seis meses de preparação, parti para a Índia. Esta viagem de seis meses causou uma verdadeira ruptura no decorrer da minha vida: uma quebra nos ritmos, uma mudança de cenário, encontros decisivos... Voltei transformado, lutando durante os primeiros meses para me reintegrar em uma vida cotidiana governada pelo sedentarismo. Durante os primeiros meses, eu estava dividido entre o prazer de redescobrir formas de conforto que quase tinha esquecido e o desejo freqüente de partir novamente. Eu senti falta do movimento e da mudança de cenário. Eu tinha, no entanto, aprendido novas maneiras de levar minha vida durante esta fase de imersão no mundo indiano. Com o tempo, aprendi a reconhecer esses aprendizados e torná-los um hábito, falando deles e mobilizando-os em contextos de trabalho. Gradualmente, surgiu uma continuidade a esta vida de viagens, entre a inscrição profissional e a entrada na vida de casado.

Este terceiro texto narra uma experiência que ocorreu durante um período que corresponde, para o narrador, ao momento de entrada na vida adulta (HOUDE, 1999). Naquela época, eu estava terminando meus estudos universitários e queria viajar antes de entrar na vida profissional. A experiência narrada dura quase dez anos. O tempo necessário para a narração e a expressão da narrativa é idêntico aos dois textos apresentados anteriormente (o texto tem 1.331 caracteres com espaços). Quanto à experiência de escrita, o trabalho tem as seguintes características: compor uma narrativa que contempla um período de dez anos de vida em 1.500 caracteres, o que tornou necessário eliminar a preocupação de descrever um aspecto ou um momento de maneira detalhada.

DIALÉTICAS TEMPORAIS E REGIMES NARRATIVOS AO LONGO DA INVESTIGAÇÃO

A apresentação sucessiva das três narrativas anteriores busca mostrar a singularidade dos regimes narrativos e o seu apoio recíproco à manifestação dos fenômenos experienciais vividos. A hipótese levantada é que o nível de detalhe da descrição gera efeitos de compreensão e torna possível a manifestação de processos que a narração biográfica não pode gerar (e vice-versa). Uma relação pode assim ser formalizada entre a duração da “experiência de referência” (a experiência vivida e que serve de referência para a expressão em palavras) e a “experiência narrada” que se concretiza nos discursos ou textos. Estas hipóteses têm sido objeto de um trabalho pioneiro de Genette (2007) e Baudouin (2010), entre outros.



Esquema 1: Dialéticas temporais entre experiência de referência [Vr] e experiência narrada [Vn]

O esquema apresentado acima busca formalizar as relações dialéticas entre três pólos da narração da experiência vivida: “a experiência de referência”² [Vr], a “experiência narrada” [Vn], a “situação narrativa” [Sr] do sujeito no momento da narração.

Assim, se o Vr aparece situado no tempo de maneira não evolutiva (pois ele pode ser datado e contextualizado), os dois outros pólos estão em constante evolução. De fato, a distância separando o Vr da situação não cessa de se expandir (uma experiência passada está cada dia mais antiga do ponto de vista do narrador). Então é possível para um mesmo Vr produzir várias narrações sucessivas (ou várias Vn). Assim, a atividade narrativa permite diferentes formas de construções narrativas para uma mesma experiência vivida, incluindo as variações de escala temporal (tal como proposto através das três histórias apresentadas) ou, inversamente, mantendo a escala temporal da experiência de referência idêntica e mudando apenas a situação narrativa. Estas escolhas relativas à condução da atividade narrativa fazem parte da estratégia.

Trata-se, por exemplo, de determinar os efeitos de contraste gerados pela variação das escalas temporais da mesma experiência para a manifestação de fenômenos e processos que fazem parte de uma dinâmica de formação e/ou profissionalização. Dessa maneira, a estratégia deve ser adotada para questionar as relações causais que podem ser inferidas (ou mantidas como verdadeiras) entre diferentes momentos no decorrer da vida? Diferentes cenários são, portanto, possíveis no contexto das pesquisas sobre as estratégias e os processos narrativos no campo da educação de adultos: números de experiências de referência colocados em palavras, variações nas escalas de tempo, escritas sucessivas da mesma experiência.

Assim, na seção anterior, mantivemos a seguinte estratégia: manter a atenção sobre um Vr (a experiência da viagem durante um período de vida caracterizado pela “entrada na vida adulta”), mas prolongando sucessivamente a duração desta experiência de referência sem variar o tempo atribuído ao Vn (devido ao formato deste artigo e ao espaço muito limitado que ele oferece).

Tecnicamente, a atividade narrativa é construída sobre a mesma experiência capturada três vezes, com um prolongamento gradual da sua duração: 60 minutos, depois três meses, depois dez anos. Como é mantida uma duração fixa para Vn (1.500 caracteres), a extensão do perímetro temporal de Vr gera reciprocamente um processo de compressão temporal durante Vn.

A INVESTIGAÇÃO NARRATIVA, ENTRE DESCRIÇÃO MICRO-FENOMENOLÓGICA E NARRAÇÃO BIOGRÁFICA

Diferentes elementos podem então ser questionados a fim de considerar a relevância das estratégias de investigação narrativa em uma perspectiva de pesquisa, de auto-formação ou de formalização dos saberes experienciais: reduzir a duração da experiência de referência permite, potencialmente, uma apreensão detalhada dos aspectos da experiência e, assim, o acesso às “*qualias*” sensíveis (ZAHAVI, 2015) da experiência vivida.

Em contraste com esta perspectiva descritiva, a extensão da duração da experiência capturada, que permite apreender o que causa a intensificação das taxas de compressão temporal, produz efeitos de alisamento que permitem tanto apreender as regularidades (QUÉRÉ, 2000) na história, quanto pensar a investigação a partir de uma perspectiva longitudinal.

² O leitor poderá consultar o artigo « Description et vécu » de Pierre Vermersch, publicado na revista online *Expliciter* (n° 89, março 2011).

Assim diferentes “resultados” podem ser constatados a partir do curto estudo apresentado neste artigo:

- Em relação à primeira narrativa, a “escala temporal” escolhida permite colocar em palavras as qualidades experienciais do que foi vivido, o que permite apreender as dimensões sensíveis (LAPLANTINE, 2018) da experiência vivida e os modos de donação da situação. Os processos deliberativos associados aos sentimentos e sensações corporais também são colocados em palavras. Este regime permite, assim, apreender em termos concretos os fatores que sustentam a agentividade, que contribuem para sentimentos de confiança ou que geram medo ou dúvida... ;

- No que diz respeito à segunda narrativa, o esforço de compressão de tempo requerido pelo formato narrativo tem efeitos maciços de suavização e impede o acesso aos detalhes. No entanto, torna possível expressar a aprendizagem resultante desta fase de trinta dias de experiência, que gradualmente torna possível definir um curso de ação para viajar na Índia. Assim, esta modalidade narrativa “intermediária” assegura a transição entre a descrição detalhada da primeira narrativa e a narração historicizada da terceira narrativa e caracteriza fenômenos (o sentimento de familiaridade com a Índia) que parecem ter levado três meses para atingir os primeiros limiares de realização;

- A narrativa número três traz à linguagem um período de dez anos. Devido à taxa de compressão temporal alcançada, os “efeitos de alisamento” são maciços. A atividade de temporalização é realizada a partir de seqüências de experiências duradouras: os períodos de visão. Para este tipo de narrativa, extremamente condensada (a duração da experiência de referência é de dez anos, o tempo permitido para a sua expressão é de três minutos ou 1.500 caracteres), o longitudinal impõe-se à custa do granular, a história é construída em detrimento de uma visão detalhada dos processos sucessórios, que são diacrônicos e cronológicos por natureza.

A atualização dos diferentes regimes narrativos da investigação mereceria uma discussão que o formato deste artigo não possibilita de maneira completa. Entre os elementos que se inserem no âmbito da discussão, no entanto, existe um que merece ainda ser abordado. De fato, a proposta foi feita para colocar o regime de descrição no contexto da investigação narrativa, o que nos leva a pensar na descrição fenomenológica como uma forma particular de narração da experiência vivida. Esta proposta diverge das definições clássicas de descrição em narratologia (ADAM, 2015).

Classicamente, a descrição fixa-se em descrever aspectos de um objeto através da cristalização do tempo. No entanto, a atividade narrativa ao longo da investigação sobre a experiência em primeira pessoa permite apresentar a idéia de que toda construção narrativa é temporalizada, e que isto é verdade não só da narração biográfica, mas também da descrição fenomenológica³.

PERSPECTIVAS DE PESQUISA: EPISTEMOLOGIA EXPERIENCIAL E ESTRATÉGIAS NARRATIVAS

Neste artigo, procurou-se definir “investigação narrativa”, com base nas relações dialéticas em ação entre dois “regimes narrativos”: o da descrição fenomenológica e o da narração biográfica. Este trabalho é parte de um processo que visa formalizar um Manual de Investigação Narrativa em Investigação e Formação (BRETON, 2020), cujo objetivo é caracterizar esta abordagem de investigação a nível epistemológico, metodológico e prático.

³ Esta perspectiva está parcialmente avançada desde os trabalhos de Dewey em sua obra *Logique. La théorie de l'enquête* (1938/1993), na qual são feitas distinções entre descrição e narrativa. Entretanto, o método empírico – chamado por Dewey (1925/2012) de “método denotativo” - que permite que os objetos da chamada primeira experiência e os da experiência refletida circulem durante o curso da investigação, permanece não especificado.

No plano epistemológico, a diferenciação dos regimes narrativos questiona as formas de conhecimento produzidas pela exploração da experiência vivida entre **detalhe** e **duração**. Se a narração biográfica permite captar a experiência vivida através da agregação dos acontecimentos de acordo com uma lógica que permite manifestar o desdobramento dos fenômenos ao longo do tempo, o poder da descrição detalhada reside nos seus efeitos de elucidação das dinâmicas e associações lógicas envolvidas na configuração da narrativa, na construção das estruturas narrativas e nos hábitos interpretativos que sustentam a “evidência natural do mundo da vida” (SCHÜTZ, 1971/1987).

Em função do tipo de trabalho de campo e das questões em jogo, a estratégia narrativa tem que ser inventada. Sua relevância e poder dependem da lógica das composições entre o descritivo e o biográfico, entre extensão e compressão do tempo, entre detalhe e duração.

Os contextos nos quais a investigação narrativa pode ser mobilizada são vastos: pesquisa em ciências sociais, auto-formação, educação de adultos. Ela merece atenção especial nos contextos de reconhecimento e validação de experiências adquiridas. A formalização de saberes experienciais pressupõe, na verdade, a aquisição de saberes narrativos (BRETON, 2019), o que diz respeito diretamente às estratégias narrativas e aos regimes estudados neste artigo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Armand Colin, 2015.

BAUDOIN, Jean-Michel. **De l'épreuve autobiographique**. Berne: Peter Lang, 2010

BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.

BRETON, Hervé. Attentionnalité émancipatoire et pratiques d'accompagnement en VAE. **Recherches et Educations**, n. 16, p. 51-63, 2016. Disponível em : <http://journals.openedition.org/rechercheseducations/3000>. Acesso em : 01 mar. 2020.

BRETON, Hervé. **Manuel de l'enquête narrative en recherche et formation**. Paris: Chroniques sociales [à paraître, 2020].

COHEN, Marcel. **Détails**. Paris: Gallimard, 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **La condition biographique**. Essai sur le récit de soi dans la modernité avancée. Paris: Téraèdre, 2010.

DEPRAZ, Natalie. L'éloquence de la première personne. **Alter**, n. 19, p. 57-64, 2011. Disponível : <https://journals.openedition.org/alter/1365>. Acesso: 02 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4000/alter.1365>

DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie: Une pratique concrète**. Paris: Armand Colin, 2012.

DEPRAZ, Natalie. D'une science descriptive de l'expérience en première personne: pour une phénoménologie expérientielle. **Studia Phaenomenologica**, v. 1, n. 13, p. 387-402, 2013. Disponível em: https://www.pdcnet.org/studphaen/content/studphaen_2013_0013_0387_0402. Acesso 03 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.7761/SP.13.387>

DEWEY, John. **Expérience et nature**. Paris: Gallimard, 1925/2012.

DEWEY, John. Logique. **La théorie de l'enquête**. Paris: Presses universitaires de France, 1938/1993.

DILTHEY, Willhelm. **L'édification du monde historique dans les sciences de l'esprit** (trad. : Sylvie Mesure). Paris: CERF, 1910/1988.

DUBAR, Claude. ; NICOUD, Stephane. **Les biographiques en sociologie**. Paris: La Découverte, 2017.

- GENETTE, Gérard. **Discours du récit**. Paris: Éditions du Seuil, 2007.
- GUTH, Suzie. Chicago, 1920. **Aux origines de la sociologie qualitative**. Paris: Téraèdre, 2004.
- HOUDE, René. **Les temps de la vie**. Le développement psychosocial de l'adulte. Paris: Gaëtan Morin Éditeur, 1999.
- HUSSERL, Edmund. **De la synthèse passive**. Grenoble: Jérôme Millon, 1918-1926/1998.
- LAPLANTINE, François. **La description ethnographique**. Paris: Armand Colin, 1996.
- LAPLANTINE, François. **Penser le sensible**. Paris: Pocket, 2018.
- LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.
- MARION, Jean-Luc. **Étant donné**. Paris: Presses universitaires de France, 1997.
- PENEFF, Jean. **La méthode biographique**. Paris: Armand Colin, 1990.
- PETITMENGIN, Claire. La dynamique préréfléchie de l'expérience vécue. **Alter**, n. 18, 165-182, 2010. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00553032/>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- PINEAU, Gaston. **Formation expérientielle et théorie tripolaire de la formation**. Paris, La Documentation française, p. 29-40, 1991.
- PINEAU, Gaston. Savoirs et rapport au savoir. Dans : J.-P. Boutinet (dir. publ.). **L'ABC de la VAE**. Toulouse, Erès, p. 210-211, 2019.
- QUERE, Louis. **Singularité et intelligibilité de l'action**. Dans: Centre de recherche sur la formation du Centre national des arts et métiers (dir. publ.). **L'analyse de la singularité de l'action**. Paris: Presses universitaires de France, p. 147-171, 2000.
- RICÉUR, Paul. **Temps et récit. 1. L'intrigue et le récit historique**. Paris: Seuil, 1983.
- RICÉUR, Paul. **Temps et récit. 2. La configuration dans le récit de fiction**. Paris: Seuil, 1984.
- RICÉUR, Paul. **Temps et récit. 3. Le temps raconté**. Paris: Seuil, 1985.
- SCHÜTZ, Alfred. **Le chercheur et le quotidien**. Paris: Klincksieck, 1971/1987.
- VERMERSCH, Pierre. **L'entretien d'explicitation**. Paris: ESF, 1994.
- VERMERSCH, Pierre. **Approche du singulier**. Dans: Centre de recherche sur la formation du Centre national des arts et métiers (dir. publ.). **L'analyse de la singularité de l'action**, Paris: ESF, p. 239-255, 2000.
- VERMERSCH, Pierre. **Explicitation et phénoménologie**. Paris: PUF, 2012.
- ZAHAVI, Dan. **Intentionnalité et phénoménalité. Un regard phénoménologique sur le problème difficile**. Philosophie, n. 124, p. 80-104, 2015. Disponível em : <https://www.cairn.info/revue-philosophie-2015-1-page-80.htm#>. Acesso em: 10 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.3917/philo.124.0080>

SOBRE O AUTOR

Hervé Breton: Doutor em Educação pela Universidade de Tours (Universite François Rabelais), U.T., França. Professor associado em educação de adultos e ciências da aprendizagem ao longo da vida na Universidade de Tours. É membro da equipe de investigação Education Ethics Health (U.T., EA7505).

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO

BRETON, Hervé. Investigação narrativa: entre detalhes e duração. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, n. 1 (especial), p. 12-22, 2020. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/repi/article/view/6255>>. E-ISSN: 2675-3294. DOI: <http://dx.doi.org/10.18227/2675-3294repi.v1i1.6255>.

Submetido em: 06/04/2020

Aprovado em: 14/04/2020